

## “Lançadas à sorte”: Testemunhando as consequências da pandemia de Covid-19 pelos olhos das famílias atravessadas pelo Vírus Zika em Recife/PE

*“Cast to their own luck”: Witnessing the consequences of the Covid-19 pandemic through the eyes of families crossed by the Zika Virus in Recife/PE*

*“Lanzadas a la suerte”: Testimonio de las consecuencias de la pandemia de Covid-19 a través de los ojos de familias atravesadas por el Virus Zika en Recife/PE*

Júlia Vilela Garcia  
ORCID: 0000-0002-4208-0489

Recebido em: 08/12/2021  
Aceito em: 23/03/2022

**Imagens 1, 2 e 3** – Mesmo com a pandemia, mães e crianças continuam tendo que frequentar e enfrentar longas esperas nos hospitais de Recife em decorrência de adoecimentos e problemas de saúde diversos.



Este ensaio é fruto da minha pesquisa de mestrado, vinculada ao projeto “Quando duas epidemias se encontram: Repercussões do Covid-19 no cuidado e cotidiano de crianças com a Síndrome Congênita do Vírus Zika (SCVZ)”, coordenado por Soraya Fleischer e co-coordenado por Raquel Lustosa a partir do ano de 2020. A pesquisa consiste na continuação do acompanhamento<sup>1</sup> de famílias atravessadas pela epidemia do Zika vírus em 2015 e 2016 e, agora, com foco nas possíveis consequências que a pandemia da covid-19 trouxe para aqueles que mal superaram os efeitos da primeira crise sanitária.

Entre junho de 2020 e junho de 2021, acompanhei de modo remoto – visto a necessidade de distanciamento social durante a pandemia – nove famílias recifenses cujas crianças possuem SCVZ<sup>2</sup>. O uso do WhatsApp e do Instagram foram fundamentais para acessar as principais questões levantadas pelas mães – e cuidadoras centrais – dessas crianças. Tendo estabelecido uma relação de confiança com as interlocutoras, elas passaram a me enviar espontaneamente pelas redes sociais, sobretudo via conversas pelo WhatsApp, imagens e vídeos que ilustravam suas rotinas, criando uma narrativa visual própria sobre a pandemia e suas consequências. No total, recebi mais de quatrocentos materiais audiovisuais, número referente apenas aos conteúdos diretamente compartilhados comigo, excluindo aqueles publicados abertamente pelas mães em suas redes sociais.

Este ensaio constitui-se de imagens produzidas e compartilhadas por minhas interlocutoras<sup>3</sup>, cabendo a mim a seleção e a análise das imagens e a comunicação dos dilemas enfrentados por essas famílias frente às duas epidemias. Eleger as imagens exigiu tempo, categorização das fotografias em temáticas específicas, experimentações e reflexões sobre as figuras mais adequadas para ilustrar as realidades das famílias, dado que o intuito deste trabalho é o de apresentar brevemente as principais mudanças, articulações e soluções experienciadas pelas famílias frente à pandemia. Três pontos auxiliaram na seleção do material: a qualidade e a composição das fotografias e o contexto no qual elas haviam sido produzidas, isto é, os discursos que acompanhavam cada imagem compartilhada, permitindo compreender as particularidades do momento de sua captura.

Com o advento da covid-19, diversas atividades foram temporariamente interrompidas, a exemplo das consultas e terapias dessas crianças, que dependem do cuidado familiar integral e do acompanhamento profissional constante. Dado que a SCVZ consiste em múltiplas deficiências motoras e cognitivas, que só podem ser amenizadas com medicamentos, supervisão médica e terapias específicas, como a fisioterapia, a fonoaudiologia e a terapia ocupacional, a interrupção desses serviços resultou em perdas de aprendizado e desenvolvimento das crianças. Muitas mães relataram que suas crianças estavam mais irritadas, chorosas e sensíveis aos estímulos externos, sintomas associados aos anos iniciais da SCVZ, quando os atendimentos necessários não eram ofertados na frequência adequada. Outras alegaram que elas já não sustentavam o tronco e o pescoço, apresentavam atrofia muscular e haviam se esquecido de atividades simples, mas essenciais, como comer pela boca, carecendo de cirurgias para a introdução de uma sonda alimentar.

Diante da suspensão do tratamento nas instituições de saúde, locais antes frequentados semanalmente pelas famílias, as mães assumiram integralmente a responsabilidade pelo desenvolvimento das crianças, realizando em suas casas, e na medida do possível, as manobras terapêuticas e reabilitadoras, com o intuito de evitar novos danos às crianças. Equitativamente, as atividades escolares também foram suspensas, cabendo à figura materna ensinar e estimular as crianças no âmbito pedagógico. Tais atividades somaram-se a outras funções atribuídas quase que exclusivamente a elas, como os cuidados com a casa e com os demais filhos, resultando na sobrecarga de reprodutivo e levando

2. Acredito ser importante explicar, ainda que de forma geral, quem são as interlocutoras, qual o perfil racial, social e econômico dessas mulheres e situar onde elas residem. Com relação a raça, das nove mulheres com quem conversei, apenas quatro se identificam como brancas, sendo as demais pardas ou negras. As interlocutoras

3. Este ensaio passou inicialmente pelas famílias cujas fotografias foram acionadas, a fim de obter autorização e concordância prévia das autoras para a divulgação das imagens.

muitas interlocutoras à exaustão física e mental, as quais passaram a ser diagnosticadas com ansiedade e depressão.

Junto ao cansaço, ao adoecimento materno e à frágil saúde das crianças durante a pandemia, temas como o desemprego, a insegurança alimentar e a falta de atenção básica às famílias foram apontadas pelas interlocutoras. Diante da carência de políticas públicas, a exemplo da não garantia dos atendimentos terapêuticos às crianças, da escassa atenção à saúde mental das mães, da invisibilidade do acesso prioritário das cuidadoras à vacinação, a fim de evitar o contágio de mães e crianças, e do pouco envolvimento e consulta das famílias e associações que acolhem essas crianças na resposta e no gerenciamento da pandemia, muitas famílias relataram o constante sentimento de estarem “lançadas à sorte”.

**Palavras-chave: Vírus Zika, Covid-19, microcefalia, gênero, antropologia.**

**Imagem 4** – Em casa, sem a quantidade e frequência de terapias adequadas, mãe estimula a parte sensorial da filha na esperança de que ela não apresente atrofias musculares e nem perca os aprendizados motores adquiridos durante os seis anos de reabilitação.



**Imagens 5, 6 e 7** - Muitas mães também acabaram assumindo o papel de “professoras”, encarregadas de acompanhar e ensinar a criança durante as atividades escolares remotas. Por vezes, os irmãos das crianças são acionados para estimulá-las e ensiná-las com brincadeiras diversas.



**Imagem 8** - Junto ao desemprego de membros da família, a insegurança alimentar foi relatada e expressa em armários quase vazios e com poucas variedades de alimentos para a subsistência familiar.



**Imagem 9** - A sobrecarga materna, o cansaço extremo, a responsabilidade com os filhos e a casa, junto às frequentes idas aos hospitais em decorrência do quadro de saúde das crianças com a SCVZ, também levou ao adoecimento de mães, que, quando não contaminadas com o novo coronavírus, relataram sintomas de ansiedade, depressão e síndrome do pânico.



**Imagem 10** - Em decorrência do distanciamento social, as famílias tiveram as suas redes de sociabilidade e apoio desmanteladas – desde o contato pessoal com outras mães e demais familiares, até o suporte das associações voltadas para o acolhimento de mães e crianças atravessadas pela SCVZ. Diante disso, muitas mães que possuem algum acesso à internet recorrem a encontros virtuais e lives nas redes sociais para trocar desabafos, informações sobre as crianças e suas rotinas, bem como se apoiarem e se fortalecerem mutuamente durante a atual pandemia.

